

***Foi Assim*¹, segundo Zita**

João B. Serra

Quero confessar que estou aqui de “livre e espontânea vontade”.

A apresentação de livros é um acto com as suas regras que, desta vez, não foram respeitadas. Não acedi a um pedido da minha amiga Isabel Castanheira, a quem não sei dizer não quando me pede para falar de um livro. Também não fui imposto pela editora nem convidado da autora, que não conhecia pessoalmente. Não fui motivado pelo livro, que não tinha lido quando me coloquei à disposição da Isabel para apresentar *Foi Assim*, caso tal hipótese se viesse a verificar (já lá vão seguramente 4 meses). Parfraseando a declaração de ontem do Ministro Alberto Costa sobre o Procurador Geral da República, este meu gesto foi o resultado de desconhecimento e de atrevimento.

Ofereci-me pois para falar nas Caldas de um livro que não tinha lido, e de uma autora que não conhecia, motivado exactamente pelo desconhecido, pela vertigem de conhecer aquilo que está para lá do que vivemos e julgamos perceber.

Nasci em 1949, há pois entre mim e a autora um contexto geracional partilhado, mas a escolha de vida que Zita Seabra realizou aos 18 anos representa uma passagem para outro lado. É um outro lado da vida, sem dúvida, mas também como se percebe, um outro lado da política. Parece estranho dizer isto, porque para quem combatia o Estado Novo, o autoritarismo, a repressão, a polícia política, a guerra colonial, parecia estar do mesmo lado da barricada. O certo, porém, é que ser do aparelho clandestino do Partido Comunista,

¹ Apresentação breve do livro autobiográfico de Zita Seabra, *Foi Assim*, por iniciativa da Livraria Loja 107, no Populus, a 23 de Novembro de 2007.

respeitar a sua disciplina, exercer as tarefas que a organização determinava, cumprir a norma que a ideologia comunista propugnava era ser do outro lado, estar do outro lado. A comunicação entre ambos os lados existia, mas era muito condicionada e filtrada, não havia verdadeira interacção.

Este é para mim o motivo do interesse por Zita Seabra, a sua história, o livro que escreveu. Devo dizer, em primeiro lugar, que a leitura do “Foi assim”, em nada me desiludiu. Pelo contrário. Dizer que li com agrado é pouco. O texto de Zita Seabra desperta uma verdadeira emoção intelectual. É, além disso, um texto bem escrito que agarra o leitor da primeira à última página.

A autora fala da sua vida com serenidade e contenção. Não pretendendo justificar-se, também não caiu no ajuste de contas. Zita conta uma história. Sabe que essa história é relevante. É parte da história da nossa contemporaneidade. Procura fazê-lo com a economia possível. Para que se possa tentar perceber e não sejamos distraídos desse fio que percorre o tempo por aspectos acessórios.

Essa história tem três planos. O primeiro é o da história da própria Zita Seabra.

Como é normal nas autobiografias, ficamos a saber o que a autora quis contar. Penso que o fez com extensão suficiente para que a história tenha densidade e sentido. Evitou o exibicionismo e a manipulação, o efeito fácil. Usou o seu direito de reserva com acerto. Deixou-nos observar os acontecimentos e as perspectivas, identificar os actores e as situações, não antecipou o seu juízo à compreensão do leitor.

Tendo em conta que é de uma vida que se trata – e de uma vida que se desenrola entre os 15 anos e os 40 anos – estas qualidades da história não podem deixar de ser assinaladas. Este livro não é nem uma peça de auto-justificação, nem um libelo, nem um mero exercício narcísico. É um relato histórico.

É um relato contido, mas não é um relato asséptico. Os textos em que conta a vida na clandestinidade, descreve as tarefas de “camarada de casa do partido”, tarefas para as quais não dispunha de qualquer preparação anterior, o seu trabalho de transcrição das mensagens de e para os prisioneiros escritas em papel de mortalha, a ruptura e o isolamento da vida familiar e dos amigos são páginas singularmente impressionantes, inesquecíveis. Elas dão-nos a conhecer um pouco do outro lado, a que atrás me referi.

O segundo plano deste texto é constituído pela história da revolução que o PCP quis, e quis não apenas influenciar mas controlar. A palavra controlar tem conotações que só quem viveu estes tempos pode perceber completamente (o PCP era uma organização de controleiros).

Este relato histórico, pese embora a sua natureza polémica, é também digno de nota. As conexões estabelecidas entre a estratégia e a tática do PCP, o movimento popular e de massas, a actuação dos militares, a acção internacional da União Soviética e a evolução da luta política africana, não constituindo uma novidade, são apresentadas de forma consistente. O facto de Zita Seabra ser dirigente do Partido Comunista e ter desempenhado missões importantes confere ao seu relato qualificação testemunhal. Ficamos a conhecer melhor o país que o PCP quis edificar entre Maio de 1974 e Abril de 1976, segundo a visão heróica dos seus lutadores e prisioneiros, os pressupostos dos seus ódios e as condicionantes das suas lutas intestinas, as crenças afirmadas pela sua propaganda e pelos seus jornais, os laços hierárquicos tecidos pelas suas organizações e pelos seus dirigentes.

Em terceiro e último lugar, há um plano desta obra que se ocupa de Álvaro Cunhal. O homem que reinventou o Partido Comunista Português, lhe definiu uma nova genealogia e uma nova doutrina, que o estruturou e o dirigiu como coisa sua, com uma racionalidade quase inumana.

Zita Seabra reconhece o fascínio por Álvaro Cunhal mas acrescenta-lhe os traços de alguém que gostava de fascinar. O respeito que inspirava entre os quadros do Partido resultava não apenas da admiração pela sua inteligência, mas da autoridade que exercia de forma implacável e do temor que inspirava. Cunhal inventou um Partido para fazer a revolução e conduziu-o pessoalmente em 1974 e 1975, convencido de que a revolução era inevitável. Este é um livro não apenas sobre uma militante do aparelho comunista, sobre a revolução que o partido quis, mas também sobre o político que o moldou.

A revolução acabou por ser feita por este lado, não o lado dos comunistas. O drama do outro lado, é que, precisamente por se situar do outro lado, negligenciou eo lado de cá. Afinal desconhecia-o. Deste lado, sabia-se pouco sobre o lado dos revolucionários do PCP, mas do lado dos comunistas o modo como se viu o outro lado foi simplificado e seguramente subestimado.